

LIVRO DOS HOMENS¹ **(Ronaldo Correia de Brito)**

Com o recente lançamento de *Livro dos homens*, após ter publicado *Faca* em 2003, Ronaldo Correia de Brito acrescenta seu segundo título a um pequeno conjunto de obras que se afastam das linhas fundamentais da história literária brasileira.

A afirmação parece estranha – concordo – porque, sendo Ronaldo um cearense radicado em Pernambuco, escrevendo contos ambientados no Nordeste, a primeira reação é a de pô-lo na caudalosa tradição regionalista, que nasce em Alencar e amadurece nos romances de Lins do Rego, Graciliano e Jorge Amado.

Não é uma classificação equivocada, se os critérios forem esses: naturalidade do autor e geografia da narrativa. Nesse sentido, poucos escritores seriam tão regionalistas como Machado de Assis – que era carioca, nunca viajou muito além de Petrópolis e, salvo em alguns contos alegóricos como *A igreja do Diabo* ou *O segredo do bonzo*, fez seus personagens andarem o tempo todo pelo Rio de Janeiro.

Inaceitável o argumento de que, sendo o Rio a antiga capital, ou por ser hoje uma grande metrópole, uma literatura carioca não seria regionalista. Afinal, qualquer das partes de um todo geográfico é necessariamente uma região. Mas, ainda que excluíssemos Machado, será que se enquadram nessa definição escritores como Autran Dourado, Milton Hatoum e Sérgio Faraco?

Na verdade, o conceito de regionalismo é insubsistente, como categoria de história literária. Escritores nascem dos livros que leram; e amadurecem quando formam uma biblioteca pessoal de referência e releitura. Portanto, a única maneira de classificar a complexidade do fenômeno literário é estabelecer linhagens de obras ou de autores, segundo as respectivas atitudes estéticas.

Disse no início que Ronaldo Correia de Brito se afasta das linhas fundamentais que compõem a literatura brasileira. É importante dizer de quais.

Em primeiro lugar, não se observa no *Livro dos homens* (como também não se observava em *Faca*) nenhum artifício de caráter experimental ou de ruptura – nem no nível da linguagem, nem no da estrutura narrativa. Ronaldo Correia de Brito é um escritor "clássico", no sentido de que o conteúdo prevalece sobre a forma – o que não o impediu de absorver a herança modernista, particularmente pelo emprego de uma linguagem culta muito distante da dicção portuguesa.

Em segundo lugar, *Livro dos homens* tem traços em comum com um tipo de ficção de personalidade borgiana, raro na literatura brasileira. O Borges que reaparece em Ronaldo não é o do *Aleph* nem o da *Biblioteca de Babel*, mas o do *Martín Fierro* e o da *Casa de Astérion*, um Borges mais mítico do que fantástico.

¹ Resenha publicada no Jornal do Brasil (2005)

Finalmente, *Livro dos homens* traz uma contribuição profundamente inovadora, quando imerge no universo da chamada cultura popular sem ser documental ou sem ter o propósito de reelaborar suas personagens típicas (como fizeram Ariano Suassuna e Cândido de Carvalho, para citar os grandes). Esse último aspecto me parece ser da maior importância.

É o próprio Ronaldo, numa entrevista a Homero Fonseca, quem lucidamente traça sua filiação literária: ao lado da *Bíblia*, da tragédia grega e das epopéias védicas e homéricas, sobressai o influxo dos contadores de histórias, dos autos populares, do romance de cordel, das liturgias e dos ritos cuja diversidade de manifestações são raramente observáveis fora do Brasil.

Se em *Faca* predomina o trágico, no *Livro dos homens* essa tragicidade atinge um acabamento mítico em que é impossível não reconhecer, sobretudo, a influência de Ésquilo.

Isso se manifesta claramente no conto que dá título ao livro, que é quase uma inversão da parte final do mito bíblico de José. No conto, dois irmãos são ludibriados por um fazendeiro e um deles se vê tragicamente compelido a executar a vingança (que é como uma sentença de auto-condenação, à feição de Prometeu) porque ao nascer tinha sido registrado no "livro dos homens" – fato que instaura um elemento de inexorabilidade e de grandeza ao seu destino.

Vingança e auto-condenação inexoráveis estão também presentes em "Brincar com veneno" (história de uma mulher que se casa, sem saber, com um homem impotente) e na obra-prima "O que veio de longe" – conto que descreve a formação de um mito e que é, ele próprio, um mito sobre a natureza da Verdade.

Muito interessantes são alguns desses contos que desvelam o processo de constituição de mitos, como "Eufrásia Menezes" (caso de mulher oprimida por homem bruto e indiferente, que intui a proximidade do amante que a irá libertar) ou "O amor das sombras", em que a protagonista escraviza sexualmente um homem quando impõe a ele o fantasma de um primeiro amante que lhe seria superior.

Ronaldo Correia de Brito também investiga a religiosidade e o misticismo populares, como em "Milagre em Juazeiro", conto sobre uma mulher que se transforma em romeira e tem uma experiência transfiguradora – numa recriação muito original do mito sufi do Simurgh, o fabuloso pássaro formado por pássaros.

Ou como em "A peleja de Sebastião Candeia" – em que Ronaldo expõe o significado telúrico e sacramental das bandas cabaçais do Nordeste, ao mesmo tempo que evidencia ligações entre antigos mitos indígenas e o imaginário cristão. E faz isso de uma maneira tão profunda que – suspeito – seja inédita nos escritores brasileiros que abordaram temas populares.

Essa abordagem clássica do popular está presente em muitos contos: "Qohélet" (história de um homem que sonhava ser caboclo de lança no maracatu e descobre o mundo bíblico quando está à beira da morte), "Mexicanos" (outro conto que tem por fundo um brinquedo

popular em confronto com o rito cristão do sepultamento), "Rabo-de-burro" (sobre uma assombração que viola as mulheres incautas que transgridem as normas tradicionais de conduta).

Exceções são algumas peças de tom mais lírico, como "Da morte de Francisco Vieira" (que trata dos bens deixados pelos mortos) ou "Maria Caboré" (cujo tema é a loucura). Dentre esses, não poderia deixar de referir "Cravinho", uma das mais belas histórias de amor da literatura brasileira, que só por si faria do *Livro dos homens* uma leitura urgente para os que realmente gostam de literatura.

*alberto mussa é escritor,
autor de O enigma de Qaf*